



# ENTRE A ANGÚSTIA E O ESTRANHO: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE KAFKA E FREUD NO ÂMBITO DA CULTURA

Junia Paula Saraiva Silva<sup>1</sup>

---

**RESUMO:** Partindo dos escritos de Sigmund Freud acerca da formação da sociedade e suas consequências sobre o psiquismo humano, bem como de algumas obras selecionadas de Franz Kafka, objetiva-se analisar, criticamente, as consequências das repressões sociais quanto ao comportamento do homem no mundo e compreender a dinâmica dos seus afetos. Busca-se, com isso, estabelecer um diálogo entre os dois autores, como uma forma de abordar o fenômeno da angústia e o sentimento de estranhamento do homem no mundo por meio da produção destes renomados autores da cultura ocidental realizando, assim, a junção entre a teoria psicanalítica e a literatura. Uma vez proposta esta interlocução interdisciplinar, concluiu-se que a saída para o homem moderno, diante da sua irrefutável condição de solidão existencial, se faz mediante a construção de laços sociais, uma vez que, enquanto um sujeito castrado, é impossível a ele alcançar o estado de felicidade plena.

**PALAVRAS-CHAVE:** Angústia; Estranhamento; Cultura; Freud; Kafka.

**ABSTRACT:** Starting from Sigmund Freud's writings on the formation of society and its consequences on the human psyche, as well as selected works of Franz Kafka, the objective is to critically analyze the consequences of social repressions on the behavior of man in the world and to understand the dynamics of their affections. The aim is to establish a dialogue between the two authors, as a way of approaching the phenomenon of anguish and the feeling of estrangement of man in the world through the production of these renowned authors of Western culture, thus realizing the psychoanalytic theory and literature. Once this interdisciplinary interlocution was proposed, it was concluded that the exit for modern man, in the face of his irrefutable condition of existential solitude, is made through the construction of social bonds, since, as a castrated subject, it is impossible for him to reach the state of full happiness.

**KEYWORDS:** Anguish; Strangeness; Culture; Freud; Kafka.

---

## 1 INTRODUÇÃO

Um sentimento comum a todos os homens é a angústia, pois, segundo Sartre (1997), esta é inerente a condição humana. Grande parte desta angústia é acrescentada a existência humana pela sociedade e suas imposições. Tais imposições obrigam o homem a esconder seus desejos mais primitivos, para desta forma, não ruir os pilares que sustentam o laço social.

De acordo com Freud (1929/2011), destas imposições sociais e repressão dos desejos do homem, surge a angústia, sentimento no qual os seres humanos estão mais familiarizados, e o sentimento de estranhamento. Poucos se dão conta de que o estranhamento também faz parte da existência.

Na obra “*O mal-estar na civilização*” (1929/2011), Freud escreveu que para ser um ser social, que usufrui da estabilidade e segurança proporcionada pela sociedade, o homem escolheu reprimir seus desejos, abrindo mão de sua liberdade. Em função desse contrato social o homem passa a partir de então, a desvencilhar-se de tudo aquilo que poderia lhe proporcionar satisfação plena, pois isso culminaria no desmoronamento do laço social.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras pela PUC-MG como bolsista CAPES. Graduada em Psicologia pela mesma instituição. [juniamendes-barbosa@hotmail.com](mailto:juniamendes-barbosa@hotmail.com)

A escolha feita pelo homem em viver em sociedade, no qual seus desejos mais fortes são reprimidos é árdua, e acarreta a ele a impossibilidade de ser feliz, pois isto estaria diretamente ligado à satisfação plena, porém, uma vez que vive em sociedade, não existe tal possibilidade. Algumas alternativas, entretanto, são oferecidas a ele, como o trabalho e o amor ao próximo, mas ainda segundo Freud (1929/2011), os desejos domesticados nunca realizarão plenamente o ser humano.

Com o advento da sociedade – que é regida por normas, leis e burocracias que a permitem funcionar – o homem passa a viver conforme as imposições colocadas por ela e para sua manutenção. Todo o seu trabalho, enquanto um ser social, servirá para que a sociedade continue cumprindo seu papel de oferecer estabilidade, segurança, e de unir os homens através do laço social. Aquele que escolhe formas de vidas alternativas, acaba por produzir, segregação e exclusão social

Enquadrar-se no que a sociedade impõe é uma tarefa difícil, senão impossível, pois o homem se abstém-se daquilo que para ele é caro, considerando que felicidade e satisfação são importantes para a sua condição

O homem construiu para si nada mais que um fardo! O fardo de estar sempre de acordo com as normas, de se controlar todo o tempo, de viver na falsa liberdade e da impossibilidade da felicidade.

Kafka e Freud, os pensadores de referência para a elaboração deste artigo, foram homens visionários. Suas obras, mesmo depois de tanto tempo, permanecem relevantes, e ao que tudo indica, continuarão sempre atuais. A angústia de se viver em sociedade, o desamparo surgido a partir dela e o sentimento de estranhamento diante da vida experimentado pelos homens, não deixarão de existir enquanto estes estiverem imersos na cultura.

Estes autores podem ser considerados como verdadeiros profetas da modernidade, pois conseguiram descrever com maestria os sentimentos que se tornaram mais evidentes com o passar do tempo.

Sigmund Freud (1856-1939), criador de uma teoria que revolucionou e chocou a sociedade de sua época, a Psicanálise, teorizou sobre o modo do homem ser no mundo.

Franz Kafka (1883-1924), que só foi reconhecido postumamente deixou um legado de histórias e personagens que, num primeiro momento parecem tão absurdos e bizarros, mas que posteriormente, foram consagrados de forma quase unânime por seus leitores como a expressão de um legítimo diagnóstico do homem moderno, que vive sempre angustiado, sem esperanças e aprisionado.

A partir destas considerações iniciais, O objetivo deste artigo é entrelaçar a obra desses dois autores, discorrendo sobre o ponto de vista kafkiano e freudiano acerca da angústia e do estranho.

Para a realização deste trabalho, foi feita uma revisão da literatura de Franz Kafka e Sigmund Freud.

As obras de Kafka analisadas serão delimitadas em suas novelas “A metamorfose” e “O Processo”, levando em consideração seus outros escritos e contos, assim como os comentaristas do autor.

As obras de Freud são delimitadas nos seus escritos acerca da sociedade, “Totem e Tabu”, “Psicologia das massas e análise do eu”, “O Mal-Estar na Civilização” e “O Futuro de Uma Ilusão”, levando em consideração outros escritos do autor que dizem respeito a essa temática.

## 2 FREUD: DA CULTURA AO ESTRANHO

### 2.1 A angústia em Freud

Para introduzir o conceito freudiano de angústia em sociedade, o mais adequado é começar pela sua obra “*Totem e tabu*” (1913/1996), por se tratar de um escrito sobre a angústia.

De acordo com Ramos (2013), torna-se necessário especificar que os textos freudianos aplicados ao social e cultura foram escritos em períodos diferentes da teorização da angústia. Segundo este mesmo autor, poderia se pensar que é somente a partir do texto “*O futuro de uma ilusão*” (1927/1990) que o modelo de angústia diante do perigo entra nos textos sociais. Anteriormente a essa concepção de angústia frente ao perigo, a ideia era de angústia tóxica, refutada e diminuída por Freud em 1926 no texto “*Inibição, Sintoma e Angústia*” (1926-1929/2014).

Freud (1913/1996), ao escrever o primeiro ensaio de “*Totem e Tabu*”, que leva o título de “*O horror ao incesto*”, faz uma referência a angústia moral e a angústia social, se questionando sobre como seria possível a angústia moral e a partir dela a instituição de valores. Neste momento, o autor não necessariamente usa a angústia como ponto de partida, mas talvez, uma busca por sua origem, ou como Ramos (2013) pontua, a busca pelo ponto zero, como exposto no trecho:

Este ponto de partida parece não ter absolutamente nada de gratuito, pois é a qualidade semiológica da angústia que se ressalta. Isto é, a ideia aí implícita é a de que, se há angústia na superfície, é porque há algo no fundo e esse algo é o recalcado. [...] Nesse primeiro ensaio de *Totem e tabu*, é de uma angústia exagerada que se trata. Um exagero que, como tal, mais que falar, se faz significar a altos brados. Faz-se significar, mas sem chegar a propor-se como significação explícita, e, portanto, propõe enigma. E é esse enigma que Freud busca salientar. (RAMOS, 2013, p. 149).

Ramos (2013) relata que nesse primeiro ensaio de *“Totem e tabu”*, o que será tratada é uma angústia em seu estado de exagero. Um exagero que, como tal, mais que falar, se faz significar em grande escala. Faz-se significar, mas sem chegar a propor-se como significação explícita, e, portanto, acaba por propor um enigma. Para o autor, será esse enigma que Freud irá salientar.

O modelo visto nesse texto freudiano *“Totem e tabu”* (1913/1996) é o modelo de neurose obsessiva. O que há de comum entre o tabu e a neurose obsessiva é a proibição, uma interdição que é instalada face à identificação de um desejo, no caso, o incesto como lugar onde a neurose e angústia manifestam-se como defesa ante o perigo que ameaça.

De acordo com Ramos (2013), a proposta de Freud é o de fazer uma Psicologia comparativa entre a vida psíquica dos povos chamados naturais ou selvagens e a do neurótico, para tal, o autor pontua que Freud busca em sua obra os povos mais primitivos possíveis, achando os aborígenes australianos para exemplificar sua teoria.

Os aborígenes australianos erigiam em antepassado no lugar de instituições religiosas para cada clã ou estirpe, uma planta ou acima de tudo um animal, no qual a este animal seu consumo torna-se proibido pelo clã e não pode ser morto. Trata-se aqui do totemismo.

Doris Rinaldi, em seu artigo *“Culpa e Angústia: algumas notas sobre a obra de Freud”* (1999), descreve que em *“Totem e Tabu”*, Freud aborda a questão do sentimento de culpa e da angústia através de um mito, onde o acontecimento da cultura é fruto de uma violência primordial, no qual o pecado original da humanidade é o parricídio. A culpa nesse exposto encontraria sua origem no retorno do amor sob a forma de remorso. Isso ocorre quando, de acordo com o mito freudiano, o controle para que os membros de um mesmo clã não se relacionassem sexualmente entre si era exercido pelo chefe da tribo, que representava uma espécie de pai supremo do clã.

Este soberano exerce o poder de uma forma tão demasiada que se torna um chefe despótico. O chefe, com todo seu despotismo, exigia a exogamia, porém ele, enquanto líder, cometia a endogamia, possuindo todas as mulheres da tribo para si. Os outros homens desse clã, irritados com o poder desse líder despótico, de acordo com a simbologia de Freud, lançam-se

contra o chefe e o matam. Assim, sem esse líder no poder, os outros homens poderiam possuir suas mulheres, transgredindo o tabu imposto pelo chefe da tribo. Porém, o assassinato do chefe da tribo, tal como relatado por Freud (1913/1996), fez com que surgisse em toda a comunidade um sentimento de culpa perante o parricídio e perante toda a violação do tabu totêmico.

É desta forma que Rinaldi (1999) diz que na origem da consciência moral está o amor, acompanhado daquilo que postula como fatal inevitabilidade do sentimento de culpa. Ainda segundo a autora, o que Freud conota a esse fato é a ambivalência emocional em relação ao pai, coexistindo duas correntes; uma delas seria a corrente agressiva manifestada através do parricídio e a outra uma corrente afetuosa que surgiria com o remorso. Na fundação do laço social, o amor e ódio estariam, pois, conjugados, ou como é afirmado pela autora, a sociedade seria perpassada pelo conflito pulsional onde as pulsões de vida e de morte se defrontariam.

Segundo Ramos (2003), o mais importante para o povo primitivo era a proibição de que os membros do mesmo totem, ou do mesmo clã totêmico, se relacionassem sexualmente entre si. A severidade desta proibição é o que Freud (1913/1996) mais acentua, pois sua transgressão era punida de forma enérgica, como se tal fato fosse capaz de colocar a tribo em perigo. As proibições revelam por si mesma um sentido duplo e ambivalente, que é o desejo da proibição (tabu).

De acordo com Mezzan (1985), o rigor da proibição, torna-se proporcional à intensidade do desejo proibido, já que aquilo que ninguém deseja fazer não é preciso proibir. Um exemplo citado por Mezzan (1985) refere-se as regras do casamento serem tão rigorosas nos primitivos, porque entre eles o desejo incestuoso era proporcionalmente maior do que nos civilizados. O autor ressalta ainda o caráter protetor do tabu, “*o rigor deste é referido a intensidade do desejo que por meio dele é afastado*” (p. 324).

O tabu permite olhar para a natureza da moral, que é movida pela angústia e esta, por sua vez, é movida por algo que precisa ser explicado. Ramos (2003) aponta para o que há de mais importante nos expostos de Freud sobre a angústia, que é a comparação com a neurose. O que há de central na neurose é o imenso apetite incestuoso, infantil e que ainda não foi ultrapassado; para Freud (1913/1996), o que existe de importante sobre a angústia, é o seu papel como defesa, e enquanto tal, como revelação. Será assim ao menos sob o olhar psicanalítico.

De acordo com Ramos (2003), o assassinato do pai primevo foi um fato histórico que propiciou o surgimento das religiões baseada na divinização do pai. Pois de acordo com o mito freudiano, o sentimento de culpa estabelecido no clã, e o medo de que o espírito do pai morto viesse atormentar os membros, fizeram com que estes decidissem reprimir o fato e restabelecer o respeito ao Totem, agora com caráter paternal no qual o respeito que era despen-

didado a um animal passou a ser ao pai morto. O pai se tornou um pai divino, ou seja, Deus, que fora adotado pelas religiões monoteístas.

Nas palavras de Mezzan (1985), podemos caracterizar o tabu como:

É a proibição que se impõe por si mesma, sem nenhum fundamento lógico. O tabu visa proteger os membros do grupo de uma força perigosa contida nos objetos-tabu, e que é transmissível por contágio: razão pela qual aquele que entra em contato com um objeto tabu se torna também tabu, e precisa se submeter a complicados rituais de purificação antes de poder reintegrar-se as atividades cotidianas. (MEZZAN, 1985, p. 324).

Para Freud (1913/1996), a base do tabu é uma ação proibida, no qual existe uma forte inclinação inconsciente para sua realização. De acordo com Ramos (2003), o tabu possuindo sua formação “embriológica” primitiva, nos mostra de uma forma mais clara a natureza da moral, sobretudo seus motivos, e na origem desta formação o que estaria é a angústia. Nesse sentido, como já dito pelo autor, o imperativo não é incondicional e universal em si mesmo, tal como é sentido, mas tem uma condição pragmática.

Mezzan (1985) faz questão de repetir que esta condição pragmática que é colocada por Freud é a angústia. O autor pontua ainda que a explicação que Freud conota à angústia surge a partir da comparação com a neurose. O ponto de concordância que é mais evidente e marcante para Freud (1913/1996), entre as proibições dos neuróticos e os tabus, são que as proibições são igualmente destituídas de motivo; suas origens são misteriosas da mesma forma, surgindo em certo momento não especificado, no qual são forçosamente mantidas por um medo irresistível. Não necessita de nenhuma ameaça externa de punição, pois há uma certeza interna, uma convicção moral, de que qualquer violação conduzirá a desgraça insuportável. É nesse sentido que Freud (1913/1996) caracterizava as religiões como “neurose obsessiva universal”, postulando que assim como ocorria nas sociedades totêmicas, a violação ou um não cumprimento de um ritual sagrado criaria um desconforto psicológico em que o sujeito é levado a acreditar que um mal irá lhe ocorrer, pois não atendeu a exigência sagrada. A ideia de Freud, segundo Ramos (2003), era a de atribuir a proibição moral com os seus devidos limites a mesma natureza da neurose obsessiva.

De acordo com Mezzan (1985), o tabu é um possível gerador da consciência moral. Desta forma, a moral não surgiria de qualidades sublimes, mas sim do encontro do desejo e da proibição; encontro este, que é gerador de angústia.

Alguns aspectos como desejo, proibição, culpa e angústia aparecem na obra de Freud (1913/1996), com a ressalva de que o sentimento de culpabilidade, ou de angústia moral nas

neuroses seria de natureza sexual. Neste ponto, o autor usa o conceito de angústia tóxica, que é apropriada novamente a defesa.

Para Mezan (1985), Freud não se limita a formular uma hipótese do totemismo antes de estabelecer condições a partir das quais torna-se possível pensar a origem do social. Este autor relata que Freud pressupõe uma continuidade entre as sociedades arcaicas, que em sua história é menos distante do parricídio originário, e as nossas sociedades que são providas de um aparelho estatal. Essa constatação provirá do fato de que, a originalidade da tese freudiana consiste na associação entre a emergência do Complexo de Édipo e o surgimento da sociedade civilizada por meio de um mesmo ato. Ainda segundo Mezzan (1985), o resultado do contrato colocado por Freud não seria uma instauração do estado, mas sim uma comunidade de iguais.

Em *“Psicologia das Massas e Análise do Eu”* (1921/1991), Freud irá afirmar que o que mantém as massas unidas é a libido ou pulsões ligadas ao que seria denominado de amor, amizade, amor filial, amor romântico à humanidade e as ideias. Neste texto, existem duas possibilidades de angústia colocadas por Freud, que seriam a angústia frente ao real e a angústia de libido, que resultam da ruptura dos laços afetivos na massa. Para Mezzan (1985), neste escrito de 1921, Freud procura elucidar o que faz com que vários indivíduos se tornem um grupo e quais razões explicariam o comportamento de uma pessoa que faz parte de uma massa. De acordo com o mesmo autor, boa parte desta obra freudiana é dedicada a identificação, mecanismo que é de índole individual e ao mesmo tempo coletiva, no qual seus efeitos não são descobertos apenas no nível social, mas também no nível da formação do caráter e no nível das relações libidinais que definiriam a hipnose e o enamoramento.

Segundo Ramos (2003), na obra *“Psicologia das Massas e Análise do Eu”* (1921/1991), encontra-se uma definição de libido que viria de propósito. Para o autor, isso se explicaria pela expressão utilizada para falar de forma quantitativa das pulsões ligadas a tudo que comumente é chamado de amor. Assim como em *“Totem e Tabu”* (1913/1996), o autor citado acima, afirma que nesta obra de 1921, também se explica a neurose como fenômenos antissociais. Para Ramos (2003), em *“Psicologia das Massas e Análise do Eu”*, é possível identificar a ideia de uma libido inibida em sua meta como um substrato do laço social, que não impede que ela continue se comportando como libido ou como pulsão sexual, portanto capaz de produzir angústia quando em excesso.

De acordo com Freud (1921/1991), não há possibilidade de se explicar a angústia por excesso de pulsões egoístas. O interesse egoísta foi reformulado pelo autor para as funções de subordinação do eu e da libido, passando para uma dualidade que é a da libido contra a pulsão

de morte, em que a pulsão de morte é a pulsão negativa ou silenciosa que não se manifesta no excesso. Desta forma, só a libido pode ser excessiva, tendo em vista que a angústia moral pode ser explicada pela libido dessexualizada.

A angústia, contudo, adquirirá a característica de desamparo humano na obra freudiana “*O futuro de uma ilusão*” (1927/1990). O autor irá relacionar esse desamparo frente a natureza e aos prejuízos impostos por ela. Diante deste fato é que surge a necessidade do homem em transformar aquilo que tanto o atemoriza na sua fonte de proteção e em inúmeras representações. É desta forma que a religião aparecerá como um sintoma de neurose infantil da humanidade.

Segundo Freud (1927/1990), a religião não viria somente para evitar o sofrimento, mas também para abrir um caminho para a felicidade, garantindo por meio da infantilização psíquica e inserção do sujeito em um delírio coletivo. O autor propõe que o sofrimento principal é aquele do ser frente a inevitabilidade do sofrimento, ou seja, a angústia de desamparo; a religião seria a forma que o sujeito encontra para se livrar da angústia da vida. Segundo o autor, o desamparo inicial do homem é a fonte originária de todos os motivos morais.

Em “*O futuro de uma ilusão*” (1927/1990), Freud recorre ao termo de desamparo com o objetivo de torná-lo universal. O autor exporá, entretanto, que o desamparo ou a angústia seriam o motor da ilusão. Este desamparo que Freud (1929/2011) cita, seria o estado em que o ser humano se encontra diante da possibilidade sempre presente de entrar em sofrimento. Ele cita ainda que o sofrimento nos ameaça em três direções: a primeira seria de nosso próprio corpo, fadado à degradação, e que não pode nem mesmo dispensar o sofrimento e ansiedade que servem como sinais de advertência; a segunda seria do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com suas forças destruidoras e esmagadoras até mesmo, impiedosas; e, finalmente a terceira, que trata dos relacionamentos que temos com os outros homens.

O autor traça um novo sentimento no qual estaria a verdadeira fonte da religião; um sentimento que seria ilimitado e não necessariamente de fé, mas forçosamente religioso. Seria o sentimento dito oceânico, que teria sua gênese ao nascer e em que o sujeito não discriminaria de onde os estímulos viriam, de tal maneira que o mundo, tanto externo como interno seriam uma espécie de um todo indiscriminado. Este sentido primário sobrevive à idade adulta e não é fonte da religiosidade, pois de acordo com Mezan (1985), o sentimento oceânico não dá conta do conteúdo fundamental da religião, que distante de ser a fusão com o todo, é antes a ilusão de que o mundo exterior é menos hostil do que parece, em virtude da atuação de um pai protetor.

O sentimento oceânico não encontra um caminho fácil até a vida adulta, mas segundo Ramos (2003), conserva-se longamente como angústia perante o que chama de hiperpoderes do destino. Não existiria na infância uma necessidade mais forte que a de receber proteção do pai, de tal forma que o sentimento oceânico não estaria em primeiro plano. A angústia que aparece perante os ditos hiperpoderes do destino não é a angústia inicial, mas sim uma angústia superegóica, ou seja, uma angústia derivada justamente da aflição do desamparo.

Em “O mal-estar na civilização” (1929 /2011), ao fazer uma análise da relação do homem com a sociedade, Freud destaca a questão do desamparo, afirmando que o que ocorre nesta relação é um protótipo infantil, como uma repetição de relações estabelecidas com as figuras parentais no início das produções subjetivas, e conseqüentemente o retorno das memórias que já foram vivenciadas. Afirma ainda, que esta relação do homem com a sociedade se dá a partir desse estado de desamparo, em que para se viver em sociedade é necessário renunciar seus instintos mais primitivos em troca da garantia de uma proteção ilusória.

Entretanto, a sociedade não é suficiente para cumprir essa função, principalmente frente aos fenômenos da natureza e do destino, o que faz com que o desamparo humano permaneça lançando o homem na eterna busca de garantias que possam amenizar a sua angústia, vivenciada de longa data. Daí o recurso às religiões, visto que as mesmas aparecem como uma forma de compensação das privações da vida, através de uma divindade que encarna o pai grandioso, o que infantilizaria o sujeito.

Para Mezan (1985), a religião será como um consolo que promete aos homens a ilusão de uma vida futura em que “*O princípio do prazer reine sem peias*” (p. 512), e que os leva a acreditar em um pai benevolente que olhe por eles e zele pelo cumprimento dos mandamentos morais.

Segundo Freud (1929/2011), a fonte do sofrimento humano possui uma origem social; a civilização é vista como uma substituição do poder individual, no qual o direito coletivo impede a liberdade individual e a luta pela realização das pulsões gerando descontentamentos de diversas ordens.

Ramos (2003), cita Freud para dizer que em relação a natureza biológica é possível que o homem tenha uma certa conformidade, contudo, no que diz respeito as relações sociais, não é tão simples, pois dificilmente se consegue entender porque as normas que os próprios homens criaram em seu benefício, podem ser a razão de tanto sofrimento. O autor ressalta a teoria freudiana de que o sofrimento mais básico e principal é a angústia de desamparo, ou mesmo a angústia perante a inevitabilidade do sofrimento.

Uma pergunta feita por Freud (1929 /2011) em sua obra “O mal-estar na civilização”, é sobre o recurso lançado mão para coarctar a agressão, pois esta estaria fundada numa luta entre Eros e Morte. Trata-se, segundo Ramos (2013) da interiorização da agressão, ou seja sua introjeção, o que segundo o autor foi categorizado por Freud como assombroso. Assim como citado por Ramos (2003) no trecho abaixo:

Uma parte do eu recolhe essa agressão retroagida e a exerce contra o eu, e é isso que aparece como consciência moral. A tensão que aí se dá entre eu e sua parte modificada, supereu, é sentida como consciência de culpa, manifestando-se como necessidade de castigo. Mas aí há uma gênese. O mal da moral, que os crentes nomeiam pecado, a princípio, para a criança pequena, é aquilo pelo qual a criança é ameaçada de perda - perda de amor de quem a protege contra o mundo, mas também contra a própria agressão do castigo. Isso significa que o motivo primeiro do pensar e do proceder moral se encontra justamente no desamparo, no sentimento de desvalia humana. (RAMOS, 2003, p. 238).

O autor ainda fará uma sequência evolutiva em termos da angústia: a angústia diante da perda de amor, angústia perante a autoridade e a angústia diante do Supereu, no qual perante o Supereu, nada pode se ocultar.

Ainda de acordo com Ramos (2003), o mais importante nas obras freudianas sobre a cultura, será o grande fecho da teoria, em que une teorias parciais e toda a Psicanálise. A angústia será descoberta como primeiro e último motor da cultura, assim como na neurose. Nesse contexto, a angústia é causa e consequência da inevitável forma do homem ser no mundo, de uma extrema pequenez diante da natureza, inclusive a sua própria. Freud (1929 /2011) teria razão em afirmar que a vida tal como nos é imposta - sendo muito dura - traz muitas dores, decepções e tarefas impossíveis.

## 2.2 A questão do Estranho

Freud inicia seu texto, intitulado de “O Estranho” (1919/1996), afirmando que aquilo que é estranho relaciona-se com o que é assustador, com aquilo que provoca medo e horror. O autor busca definir o núcleo comum deste sentimento, colocando sua base naquilo que nos permite distinguir como estranhas determinadas coisas que estão dentro do campo daquilo que é considerado amedrontador. Esta é uma tentativa do autor em delimitar a especificidade do estranho

Diante deste contexto, Freud (1919/1996) pontua que o estranho seria aquela categoria do assustador que remeteria ao que é conhecido, de velho e há muito familiar, sinalizando que

justamente onde há algo de mais intimamente familiar é onde pode tornar-se inquietantemente estranho. As investigações de Freud se iniciaram quando uma série de casos individuais começaram a coligir. Essa questão foi confirmada mais tarde pelo autor ao fazer uma revisão do uso linguístico.

A análise etimológica começa do termo *Unheimlich* que, de acordo com Saceanu (2001), é um adjetivo composto por *Un*, prefixo de negação, somado ao vocábulo *Heim*, que significa casa, lar, doméstico. A autora mostra que dessa forma, esse termo se torna ambíguo, até coincidir com o seu contrário, o termo *Unheimlich*. Afirma ainda que isto é tomado por Freud como uma confirmação que é inscrita na própria língua, de uma hipótese psicanalítica que relacionaria o estranho com aquilo que nos é mais intimamente familiar.

Freud (1919/1996) aponta em seu estudo que entre os diferentes gamas de significados da palavra *Heimlich*, o que lhe interessa é a significação de pertencente, familiar e doméstico deste termo, existindo um que é idêntico a seu oposto, que é o *Unheimlich*. Para Saceanu (2001), como já citado anteriormente, a palavra *Unheimlich* é ambígua, no qual se comportam ideias não contraditórias, mas muito diferentes. Segundo a mesma autora, por um lado a palavra remete ao que há de familiar e agradável, por outro, tem uma possível conotação em relação a algo escondido, ou “por trás das costas de alguém”. Logo, tal termo comporta sentidos distintos que passam desde o familiar e conhecido, passando também pelo secreto e oculto até o inquietante, o estranho.

Para exemplificar a questão do estranho, Freud recorre ao conto *O Homem de Areia* do livro *Contos Fantásticos* (1993) do escritor Hoffman. Neste conto, o escritor refere-se a aparições demoníacas e sobrenaturais, usando imagens da vida cotidiana e jogando dessa forma o limite do recurso do desdobramento, com a multiplicação dos duplos.

Freud (1919/1996) utiliza sua análise sobre o conto “*O Homem de Areia*”, para propor uma das principais narrativas do seu texto “*O Estranho*”, que é a articulação entre o estranho e o recalcado. Segundo Saceanu (2001), o autor anuncia duas considerações que seriam importantes para a essência do seu estudo sobre o estranho. A primeira diz respeito ao afeto, pois se todo afeto transforma-se, quando recalcado, em angústia, então entre os exemplos que existem de coisas assustadoras deve haver alguma categoria em que o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo recalcado que retorna. Nesta categoria de coisas assustadoras, se constituiria, pois, o estranho; torna-se indiferente a questão de saber se o que era estranho, era em si assustador, ou se trazia outro afeto.

A literatura será o lugar que nos fornecerá o melhor relato acerca desse fenômeno. Freud (1919/1996), afirma que a questão do estranho na literatura se torna muito mais fértil

que na vida real. Alguns autores que relatam sobre o tema em suas obras escrevem a experiência do estranho como algo que se torna tão esquivo e impalpável, que será nesse lugar, o da ficção, que elucidará da melhor forma a questão do fenômeno e que possibilitará a produção do estranho de modo mais estável e articulado. Freud (1919/1996), destaca que isso se deve ao fato de que, na ficção, os autores possuem ao seu alcance uma quantidade maior de meios para a criação de efeitos de estranheza, sem que seja necessário submetê-los ao teste da realidade.

As obras de Kafka encaixam-se na descrição proposta por Freud sobre o sentimento de estranho, assim como a citação de Anders (1969) acerca das obras kafkianas demonstra:

Milhares de vezes o homem de nossos dias esbarra em aparelhos cuja condição lhe é desconhecida e com os quais só pode manter relações ‘alienantes’, uma vez que a vinculação deles com o sistema de necessidades dos homens é infinitamente mediada: pois o ‘estranhamento’ não é um truque do filósofo ou do escritor Kafka, mas um fenômeno do mundo moderno - só que o estranhamento, na vida cotidiana, é encoberto pelo hábito oculto. Kafka revela, através da sua técnica de estranhamento, o estranhamento encoberto da vida cotidiana. (ANDERS, 1969, p. 17-18).

Carone (2009), relata que o desconforto que algumas passagens de Kafka nos impõe, ocorre porque nos depararmos com sua narração translúcida, e cujo ponto de partida permanece opaco, esta capacidade garante a Kafka a permanência em uma zona obscurecida. O autor tcheco identificará o que Freud (1919/1996), chama de “estranhamento do eu”. Esta questão será tratada a seguir.

### 3 O ESTRANHO MUNDO DE KAFKA

Certa manhã, ao despertar de um sonho inquieto, Gregor Samsa descobriu-se em sua cama transformado num insuportável inseto. Deitado de costas, duras como um casco, ele viu, ao erguer um pouco a cabeça, sua barriga arredondada, pardacenta, repartida por pregas arqueadas, do alto da qual a coberta, já quase toda caída, escorregava. Diante de seus olhos moviam-se desesperadas suas várias pernas, ridiculamente finas em comparação com suas proporções de antes. (KAFKA, 2009, p. 29)

É desta forma que Kafka começa “*A Metamorfose*” (2009), uma das suas mais importantes e populares obras. Esta, narra a história da personagem Gregor Samsa, que desde a falência do pai, fica responsável em manter os típicos valores de uma família de classe burguesa. Enquanto Gregor buscava manter a família no mesmo padrão de antes da falência do pai, seus familiares mostravam-se passivos diante da situação. A vida de Gregor era orientada então pelo cumprimento do dever, ele se mostrava leal tanto à família quanto ao patrão. Em

uma manhã, se vê transformado em um inseto, o que o impede de continuar sustentando a família. Diante disso, ele é rejeitado pela família e passa a se sentir um anti-sujeito, entregando-se, por conseguinte, à morte. A vida de Gregor mostra-se integralmente absolvida pelo seu trabalho. Suas únicas distrações concentram-se em ler o jornal e fazer trabalho de carpintaria. O que leva a pensar que a transformação de Gregor, de homem para inseto, adquiria um tom mais profundo, pois narraria uma ameaça do despertar de um sujeito para a vida.

Sentimentos característicos da personagem Gregor Samsa representam um conflito existencial, que revela a falta de interesse da personagem pelo mundo, assim como uma iniciativa para modificá-lo – além de representar a solidão e sentimentos de exclusão que demonstram a impotência do homem, em alusão às fraquezas humanas diante das pressões sociais. Segundo Sartre (1997), nos momentos de crise existencial, o homem para, percebe que existe algo errado e passa a questionar suas limitações. Consequentemente, ele é tomado pela consciência do nada.

Para Anders (1969), o que mais inquieta na obra de Kafka não são as ocorrências em si, mas as reações das personagens perante circunstâncias tão incomuns; eles agem como se estivessem diante de objetos e acontecimentos normais. Para o autor, isto ocorre devido ao método usado por Kafka de colocar o espantoso como algo despojado de espanto, sendo completamente realista. Usando um prisma puramente técnico, Anders (1969) afirma que esta dessensacionalização é conseguida outra vez pelo método de inversão, em que o sujeito e objeto são invertidos ou trocados, da mesma forma que acontece em todas as fábulas. Se, por exemplo, o desejo de Kafka fosse mostrar que o “natural” e o “não-espantoso” do mundo é assustador, ele faria então uma inversão, no qual o pavor não é assustador.

Ainda sobre este contexto, em sua especulação que faz sobre a posição do escritor no romance contemporâneo, Adorno (2003) cita Kafka como o representante máximo de um procedimento em que a distância estética, fixada anteriormente, varia ou é rompida completamente, conduzindo o leitor até o ponto de vista do autor. O procedimento de Kafka será aquele que:

Por meio de choques ele destrói no leitor a tranquilidade contemplativa diante da coisa lida. Seus romances, se é que de fato eles ainda cabem nesse conceito, são a resposta antecipada a uma constituição do mundo no qual a atitude contemplativa tornou-se um sarcasmo sangrento, porque a permanente ameaça da catástrofe não permite mais a observação imparcial, nem mesmo a imitação estética dessa situação. (ADORNO, 2003, p. 61).

Em “*A Metamorfose*” (2009), Kafka coloca o homem frente ao que se chamaria de desesperança do ser, o pessimismo em relação ao futuro e a falta de respostas às questões mais simples e às mais profundas.

Kafka (2009) denuncia o processo de aniquilamento do ser, que acontece diariamente e de forma natural.

Para Pires (1996), o sofrimento de Gregor se dá não pelo motivo de ter sido transformado em um inseto, mas por não poder gerar a assistência que proporcionava a sua família. Sobre esse prisma, Anders (1969) irá dizer que o homem é valorizado ou reconhecido apenas por sua profissão, sem isso ele se torna um nada. Como bem elucida este autor:

Se o homem não é nada a não ser a sua “profissão”, se sua existência se esgota no papel em que ele é entendido, então ele mesmo não é nada, nada realmente, mas de certo modo, apenas a duplicata da certidão que ocorre em seu nome. [...] Mas não é apenas o desespero que faz Kafka apresentar o homem como mero funcionário. É simultaneamente inveja e anseio[...]. Aqueles que tem sua função definida no mundo, aqueles de que se esperam funções definidas e que se identificam com essas funções, aparecem-lhe como homens reais, adultos[...] (ANDERS, 1969, p. 52-53)

Será diante desse contexto também, que a novela de Kafka (2009) poderia ser classificada com uma novela de cunho social, denunciando a valorização do homem por aquilo que ele faz, ou aquilo que ele pode oferecer. Segundo Adorno (1998), “*a gênese social do indivíduo revela-se no final como o poder que o aniquila. A obra de Kafka é uma tentativa de absorver isso*” (p. 249). Ou seja, demonstra que aquele que não pode ou não quer executar tarefas sociais se torna um objeto estranho, indesejado e grotesco. Trata-se então, de uma estranheza que não provém do eu, mas da essência do mundo e da falta de concordância entre ambos. O conflito se estabelece por ele - ou eu - e os elementos do mundo exterior. Isto mostra a desconcertante situação em que Gregor estava envolvido.

A questão apresentada não diz respeito somente à sociedade, mas também ao contexto familiar. Como na novela, Gregor era valorizado, pela família Samsa, por ser o sustento deles. Após sua incapacidade de providenciar a eles o sustento, ele foi menosprezado, sendo caracterizado como algo nojento, merecedor de agressões físicas e verbais. Para a família de Gregor, não importava, de fato, o que estava acontecendo com ele, mas as principais preocupações eram das dificuldades advindas da sua transformação.

Anders (1969) então constata que o “estranho” especial que existe nos contos de Kafka, foi a sua chance de não poder olhar nada com olhos alienantes. O despertar de Gregor em uma manhã transformado em inseto, seria o despertar do homem para a realidade da vida, o que o transformaria em um completo estranho não pertencente no mundo

Gregor aceita o rumo de sua história sem questionamentos; Joseph K., outra personagem de Kafka (2008), também aceita esse mesmo rumo, mostrando a impotência dos homens contra as normas e leis sociais.

Joseph K. é a personagem do livro “*O Processo*” (2008), que se vê acusado por um crime que ele desconhece:

Alguém devia ter caluniado a Joseph K., pois sem que ele tivesse feito qualquer mal, foi detido certa manhã. A cozinheira da senhora Grubach, sua hospedeira, que todos os dias às oito horas lhe trazia o desjejum, não se apresentou no quarto de K. nesta manhã. Jamais acontecera isso. [...] [K.] fez soar a campainha. Imediatamente bateram em sua porta, e no dormitório entrou um homem ao qual K. jamais vira antes naquela casa. (KAFKA, 2008, p. 39).

A personagem aceita sua condição de culpado, mesmo sem descobrir o o motivo pelo qual estava sendo acusado, seguindo em direção a morte como único final possível: “- *Como um cachorro! – era como se a vergonha fosse sobrevivê-lo* (Kafka, 2008, p. 252).

#### **4 A ANGÚSTIA E INFELICIDADE POR KAFKA E FREUD**

Kafka e Freud marcaram época por suas obras e teorias. O que Freud trabalhou de maneira científica, Kafka postulou na literatura, mostrando como essas dores e angústias são vivenciadas pelo homem.

Kafka escreveu em suas obras um grande diagnóstico da modernidade. O que as tornam angustiantes é o fato do autor tcheco conseguir chegar no ponto certo da questão, mesmo que utilizando-se de artifícios irrealistas para o mesmo. Por isso suas obras incomodam tanto. Como já citado anteriormente, essa é uma técnica cujo objetivo é mostrar a trivialidade do absurdo, como uma inversão, em que mostra aquilo que causa espanto desprovido de todo terror, cujo objetivo é justamente revelar como aquilo assusta. O homem em Kafka é imerso em uma sociedade burocrática e totalitarista.

Freud, todavia, irá trazer uma perspectiva mais estoica da existência humana. Contudo, as obras destes dois autores conversam no momento em que relatam sobre questões como a angústia, a desesperança e as decepções do homem frente à sociedade.

Na obra “O mal-estar na civilização” (1929/2011) Freud discorrerá sobre a angústia do homem perante a vida em sociedade, apontando que o viver social proporciona ao sujeito a interação com seus semelhantes, garantindo segurança e estabilidade a estes. Em prol desta

segurança e estabilidade, o homem abre mão de sua liberdade e satisfação plena. No trecho abaixo, o autor esclarece os motivos do homem ser tão infeliz na cultura:

Se a cultura impõe tais sacrifícios não apenas a sexualidade, mas também ao pendor agressivo do homem, compreendemos melhor porque para ele é difícil ser feliz nela. De fato, o homem primitivo estava em situação melhor, pois não conhecia restrições ao instinto. (FREUD, 1929/2011, p. 61).

Diante dos sacrifícios que o homem precisa fazer para viver em sociedade, Freud (1929/2011) pontuará que as pulsões de cunho agressivo e sexual são as mais difíceis de se abrir mão, e são estas que ameaçam diretamente a desintegração da sociedade. Quer dizer, uma vez postulados ao homem, esses sacrifícios acarretaram à sua existência, sofrimento e angústia que tomam, por vezes, a forma de desamparo e infelicidade. O próprio Kafka já havia relatado em seus “*Diários*” (1969) essa infelicidade, como o trecho abaixo:

Sinto de vez em quando uma infelicidade que quase me deslumbra, e ao mesmo tempo estou convencido de sua necessidade e da essência de um alvo em direção ao qual nos encaminhamos ao suportar toda uma espécie de infelicidade. (KAFKA, 1969).

Diante da questão apresentada sobre a angústia de se viver em sociedade e os seus infortúnios, assim como sobre as obrigatoriedades sociais, e como isto afeta a existência, é possível identificar a teoria freudiana nas personagens e no universo kafkiano, mais especificamente em Joseph K. e Gregor Samsa.

As personagens de Kafka estão sempre em suspense, vivem na burocracia da sociedade. E o mais interessante é que eles pouco questionam os fatos ocorridos. Tal fato pode ser claramente percebido na trajetória da personagem Joseph K., que aceita sua condenação sem ao menos saber porque está sendo acusado.

Os acontecimentos que marcam a trajetória de Joseph K., explicitam o fato dos indivíduos servirem, por vezes, como objetos de uso das instituições e organizações, e contra isso supostamente não existe saída. Quer dizer, o homem não passa de uma alegoria altamente manipulável. Kafka (2008), além do desencantamento do mundo, mostra que Joseph K. encontra-se também perante ao desengano da liberdade. A personagem é acusado de algo que nem ele, nem os que vivem próximo a ele sabem do que se trata. Toda a novela se passa sem que a acusação apareça de fato.

Em “O processo” (2008), o autor recria o que acontece com aqueles que se colocam contra a justiça ou contra a sociedade, ficando à mercê de punição e do risco de aniquilamen-

to. Para os homens, esse aniquilamento seria não viver em sociedade, abstendo-se, por conseguinte, do convívio, da segurança e da estabilidade que esta o oferece.

De acordo com Freud (1929/2011), uma das formas do homem conseguir um resquício de felicidade seria através do trabalho, entretanto, para a personagem Joseph K., seu trabalho será como um poder que o aniquila. Joseph é funcionário de um banco, que simboliza a força da burocracia existente na sociedade, esta força contribui para anular a personagem, no sentido de que ele perde sua individualidade pelo fato de suas qualidades individuais agora se converterem em meras funções. Portanto, aquilo que poderia servir como um resquício da felicidade perdida, por vezes, conforme exemplificado por Kafka em “O processo” (2008), pode gerar mais infortúnio.

A burocracia da vida moderna serve para o homem kafkiano como um aprisionamento dele mesmo. O estranho em Kafka, não é teorizado como em Freud. Nas obras do autor tcheco, o estranho encontra-se menos palpável. Kafka expressou em suas obras, impressões que teve em vida, como as do trabalho. Para ele, as relações que envolvem o mundo do trabalho são hostis e nada compreensíveis, o homem precisa se desligar do sistema para sobreviver em essência.

O estranhamento nos moldes kafkianos remeteria a falta de compatibilidade do homem frente aos procedimentos sociais. O homem será sempre um estranho no mundo, ele não é pertencente a esse lugar. O estranho para Kafka parece surgir da necessidade de achar um sentido da vida. Da mesma forma que significaria um incômodo ou um desconforto.

Seguindo a descrição de Freud (1919/1996) sobre o estranho, o desconfortável seria aquilo que já foi familiar ao homem, tendo sido recalçado e retornado posteriormente. O que causaria desconforto ao homem seria, então, algo que já era dele mesmo, mas que devido a burocracia e imposições sociais precisou ser reprimido, causando desconforto e estranhamento quando este retorna de alguma forma. Uma das facetas do estranho em Freud (1919/1996) é a relação deste com o recalçado. Nos pilares da sociedade, se encontrariam então a repressão dos desejos mais primitivos do ser humano.

A angústia para o homem freudiano e kafkiano surge do embate entre desejo, pulsão e as normas sociais. Freud (1913/1996) dirá que a angústia será um sinal do retorno do recalçado. Isso afirma que o recalçado não pode voltar ao homem social, pois ameaçaria sua estabilidade. A angústia surge para que o recalçado não retorne.

Kafka relatava a falência do eu desde a sua época. Ele percebeu que quanto mais o homem se moderniza, e novas tecnologias surgem, mais essa falência da vida é real.

Segundo Maeso (2013), a obra kafkiana irá levar o homem ao reconhecimento da sua própria condição desumanizada. Deleuze (1975) viria mostrar as características maquínicas presentes no texto de Kafka. Para ele, a máquina representaria um algo social, ou seja, a própria sociedade. Segundo o autor, uma máquina nunca é só técnica, pois sempre faz parte de uma máquina social que usa os homens como peças para seu funcionamento. É nesse sentido que cabe dizer que o homem está totalmente desumanizado.

De acordo com Maeso (2013), em Kafka, o homem parece estar estranhamente conectado à falta de saída e na contradição existente entre a reificação e angústia, no qual se pode vislumbrar um devir, e este não é necessariamente a conciliação de tais opostos. Neste caso, a dialética irá operar de uma forma negativa, ou seja, sujeito e objeto, ideia e natureza, razão e experiência, estão imbricados e não conciliados. Mantendo desta forma, a tensão entre eles.

Para Carone (2009), a obra “*O Processo*”, irá representar a gênese social da esquizofrenia, ou de um universo completamente sem esperanças, no qual a salvação foi banida. O homem social vive como Joseph K., sem esperanças.

De acordo com Freud (1929/2011), “*o homem civilizado trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança*” (p. 61), é nessa segurança, que absteve a felicidade humana em grande parte, que as personagens de Kafka estão inseridas. Ainda segundo Freud (1929/2011), o homem anseia pela felicidade, e esta advém apenas pela satisfação do prazer, não existindo a completa felicidade e sim momentos felizes. Para ele, é importante ressaltar ainda que na família primitiva, somente o chefe tinha acesso a esse gozo instintual, os demais viviam em uma submissão escrava ao chefe. Ou seja, o resquício de felicidade que o homem possui hoje, é gerado para todos, o que anteriormente não era possível, pois mesmo que a felicidade fosse plena, ela se restringia a apenas um indivíduo.

O que os homens possuem é um consolo moderado para o prazer que foi protelado; de acordo com Freud (1929/2011), não é de se admirar que o homem tenha se acostumado a moderar suas reivindicações de felicidade, pois o próprio princípio do prazer, diante da influência do mundo externo, se transformou no mais modesto princípio de realidade. Desta forma, um indivíduo consegue pensar que é feliz pelo fato de ter sobrevivido ao pior.

A religião, assim como descrito por Freud (1927/1990), também servirá de consolo e ilusão as massas.

A angústia e a infelicidade estão presentes no homem enquanto ser social, o próprio Kafka, descreveu esse sentimento:

Quando eu ainda estava contente queria estar descontente, e, com todos os meios que o tempo e a tradição me ofereciam, lancei-me no descontentamento — e então queria outra vez voltar a trás. Assim, fui sempre descontente, até com o meu contentamento. (KAFKA, 1969).

Segundo a teoria freudiana, a felicidade plena não é possível ao homem social; A este, são oferecidas ilusões, que servem como um consolo à vida humana, como um escape para a angústia, que diante do exposto neste trabalho, é inerente a vida do homem enquanto ser social.

## 6 CONCLUSÃO

Em “Totem e Tabu” (1913 /1996) Freud retoma o mito da ordem primitiva para discorrer sobre o advento da sociedade, e com ela o surgimento das suas regras leis e imposições sociais que cabe ao novo homem, agora, um ser social, seguir e cumprir.

Alguns anos mais à frente Freud escreve o “O mal-estar na civilização” (1929 /2011), no qual apresenta os argumentos pelos quais torna-se impossível ao homem social ser feliz, ou ser feliz completamente, pois está felicidade estaria ligada a satisfação plena dos desejos, e isso, em sociedade, não é possível. Na mesma obra, o autor mostra que as pulsões mais caras ao homem são as mais necessárias de repressão, pois ameaçam com mais força os pilares da sociedade, que é baseado na coletividade; estas pulsões seriam a de cunho agressivo e sexual. Como diria Freud “nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição. Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar” (FREUD, 1929 /2011, p.9).

Reiterando a frase freudiana, Kafka diria em seus “Diários” (1969) que a esperança existe em algum lugar, só não está acessível aos homens.

Entretanto, Freud (1929/2011) nos faz lembrar que essa felicidade plena que existia na horda primitiva, era somente aproveitada por um único ser, o líder despótico, enquanto o restante da tribo vivia em completa infelicidade e submissão ao chefe. Com a morte do líder, a felicidade passa a ser para todos, embora, em quantidades pequenas. Dentro das forças de sofrimento, que segundo o autor, pode prover de três direções, estão a do nosso próprio corpo, que está fadado a destruição e degradação, do mundo externo, que pode se voltar, segundo Freud, de forma ameaçadora, contra nós, e o terceiro, que para o autor, talvez seja o sofrimento mais penoso que os demais, que é o nosso relacionamento com os outros, pois, considerando o exposto neste presente artigo, o outro, seu semelhante, possui a parcela de felicidade que

poderia ser sua, e por isso, como já diria Freud, a pulsão de cunho agressivo é um das pulsões mais difíceis de ser reprimida ao homem e umas das mais necessárias para o funcionamento da ordem social.

A proposta do presente artigo foi mostrar como a teoria freudiana se faz presente na literatura do autor tcheco Franz Kafka. Em sua obra “O estranho” (1919/1996), Freud salienta a importância da literatura para compreensão de fenômenos humanos difíceis de explicar, pois para o autor, a ficção não precisa ser submetida ao teste de realidade, portanto, na literatura, é mais fácil que o homem entre em contato com suas pulsões reprimidas. Esta questão postulada por Freud acerca da literatura, não se enquadra somente sobre a questão do estranho, mas de outros sentimentos como a angústia, tema também trabalhado neste artigo. As personagens kafkianas lidam a todo momentos com as questões postas por Freud, em principal, o contato com esse estranho-familiar, em um universo totalmente desprovido de realidade, burocrático e totalitarista, assim como a sociedade se propõe a funcionar e a angústia que um homem inserido no homem social pode experimentar.

Alguns comentadores das obras de Kafka atribuem a sua obra um cunho autobiográfico, o autor tinha uma relação conflituosa com o pai, e com formação em direito, trabalhando em escritório todos os dias, vivia infeliz com sua própria condição de trabalho. Para Anders (1969), Kafka só conseguiu desenvolver tão bem o método do estranhamento em seus contos porque ele mesmo era um estranho; o autor pontua que, como judeu, Kafka não se sentia pertencente ao mundo cristão, com o qual tinha uma maior convivência. Sendo um judeu, era indiferente, e não se integrava completamente. Kafka falava alemão e não se amoldava inteiramente aos tchecos, era funcionário de uma companhia de seguros de trabalhadores e não se sentia completamente enquadrado na burguesia, mas como filho de burguês não se enquadrava em outras categorias de trabalhadores.

O fato de não pertencer a lugar algum, ou há grupo nenhum, foi o que propiciou, ainda segundo Anders (1969), que a visão de mundo de Kafka fosse contaminada por essa múltipla condição de não pertencer.

Para escrever, Kafka usou de sua própria experiência. Entretanto, analisar a obra de um grande autor como Franz Kafka apenas pelo seu cunho autobiográfico é diminuir muito seu trabalho. Porém, segundo Carone (2011), a Europa em que Kafka viveu, produziu um baque não só nele, mas também em outros autores como Freud, Nietzsche e Marx. Os escritos destes outros autores citados, deixaram marcas visíveis na obra kafkiana. O repertório de mudanças e incidências da época também causaram impacto em sua obra. Suas geografias naturais, culturais e religiosas contribuíram para que Kafka se tornasse um dos autores que viriam

a denunciar a decadência do homem, e não só por causa de sua história familiar e pessoal. Essa condição de “viver no limiar”, fez com que Kafka soubesse ver no horizonte de seu tempo, os primeiros sinais de um novo e decadente mundo. Foi por meio das percepções que teve da sua época que Kafka pôde relatar sobre as opressões, apresentadas de uma maneira insólita e absurda em suas obras, que viriam assim mostrar um pouco da face da modernidade.

As interpretações mais comuns disseminadas sobre o estilo literário de Franz Kafka dizem respeito ao pessimismo, desamparo, angústia, sentimentos de solidão e estranhamento. Mas em Kafka poderia existir também humor? Poderia existir um lado positivo da existência humana na literatura kafkiana?

Os leitores mais calejados de sua obra perceberão que a graça existente na literatura de Kafka vai além da visão pessimista de mundo. As frases contidas em seus contos e histórias são revestidas de um toque de humor negro, e do tradicional humor judaico, que é rir da sua própria desgraça.

Segundo Freud (1929 /2011), *“Não admira que, sob a pressão de todas essas possibilidades de sofrimento, os homens se tenham acostumado a moderar suas reivindicações de felicidade”* (p. 9.). Neste trecho, o autor diz respeito dos sofrimentos que pode nos ameaçar em três direções, conforme o trecho acima, o autor escreve ainda que *“que um homem pense ser ele próprio feliz, simplesmente porque escapou à infelicidade ou sobreviveu ao sofrimento, e que, em geral, a tarefa de evitar o sofrimento coloque a de obter prazer em segundo plano”* (FREUD, 1929 /2011, p. 9).

As personagens kafkianas, principalmente, Gregor Samsa, que sobrevive da tentativa de evitar seu sofrimento e da sua família, que percebe a gravidade da sua situação ao se transformar em um inseto.

A discussão acerca das obras dos dois autores é longa, neste presente artigo, percebemos que o diálogo é possível e amplo, além do tema da angústia e do estranhamento, outras questões poderiam ser investigadas em suas obras, o que abre a discussão para futuras pesquisas.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Anotações sobre Kafka in prismas**. São Paulo: Atica, 1998.

ADORNO, Theodor. **Posição do narrador no romance contemporâneo**. In: Notas de Literatura. São Paulo: editora 34, 2003. p. 15-63.

- ANDERS, Gunther. **Kafka**: pró e contra, os autos do processo. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- BENJAMIN, Walter. **Franz Kafka** - a propósito do décimo aniversário de sua morte. In: **MAGIA** e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 137-164.
- CARONE, Modesto. **Lição de Kafka**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CARONE, Modesto. **Essencial Franz Kafka**: seleção, introdução e tradução de Modesto Carone; tradução. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Kafka, por uma literatura menor**. Rio de Janeiro. Imago, 1975.
- FREUD, Sigmund. (1913). **Totem e tabu**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud – ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIII.
- FREUD, Sigmund. (1929) **O Mal-Estar na Civilização**. 1. ed. [Tradução de Paulo César de Souza], São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. (1919). **O estranho**. In Obras Completas, v. X, Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.
- FREUD, Sigmund. (1921). **Psicologia das Massas e Análise do Eu**. In Obras Completas. (J.L. Etcheverry, Trad). XXIV vols. Buenos Aires: Amorrortu, 1991.
- FREUD, Sigmund. (1926-1929). **Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos**. Tradução Paulo César de Souza. — 1 a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- FREUD, Sigmund. (1927). **O futuro de uma Ilusão**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- HOFFMANN, E. T. A. “O Homem de Areia”. In: HOFFMANN, E. T. A. **Contos fantásticos**. Tradução Claudia Cavalcanti. Supervisão e preparação de textos André Telles. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- KAFKA, Franz. **Um artista da Fome seguido de Na colônia Penal e outras histórias**. Porto Alegre, RS; Editora L&PM, 2011.
- KAFKA, Franz. **A metamorfose**. São Paulo. Editora Hedra, 2009.
- KAFKA, Franz. **O Processo**. São Paulo, SP. Editora Martin Claret, 2008.
- KAFKA, Franz. **Um Artista da Fome e A construção**. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- KAFKA, Franz. **Diários**. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Exposição do Livro, 1969.

MAQUEA, Vera (2007). **Sobre “Das Unheimliche”, de S. Freud**. Revista Ecos, edição 005. Disponível em: <[http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v\\_05/61\\_Pag\\_Revista\\_Ecos\\_V-05\\_N-02\\_A-2007.pdf](http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_05/61_Pag_Revista_Ecos_V-05_N-02_A-2007.pdf)>. Acesso em: 07 nov. 2014.

MEZZAN, Renato. **Freud, Pensador da Cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

RAMOS, Gustavo Adolfo. **Angústia e Sociedade na Obra de Sigmund Freud**. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

RINALDI, D. **Culpa e Angústia: algumas notas sobre a obra de Freud**. Disponível em <[http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-biblioteca/DRinaldi/Doris\\_Rinaldi\\_Culpa\\_e\\_Angustia\\_%20notas\\_obra\\_Freud.pdf](http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-biblioteca/DRinaldi/Doris_Rinaldi_Culpa_e_Angustia_%20notas_obra_Freud.pdf)>. Acesso em: 24 ago.2014.

SACEANU, Patricia. (2001) **O Estranho e Seus Destinos**. Disponível em <<http://teopsic.psicologia.ufrj.br/arquivos/documentos/A580EC1F52416204F942981734514657.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2015.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**. Petrópolis: Vozes, 1997.